

A Prostituição e Sua Representação No Cinema Nacional: Uma Análise Do Filme

Bruna Surfistinha¹

Gustavo Felipe PRANKE²
Grazielle Betina BRANDT³

Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, RS

RESUMO

Frequentemente abordada em produções no cinema nacional, a prostituição é um assunto repleto de tabus e analisado através de diversos estereótipos socialmente estabelecidos. Este trabalho visa entender de que forma a criação deste estereótipo costuma ocorrer na mídia e em suas produções, para que se atinja um maior entendimento acerca do tema. Para isso, foi feita a análise das obras de autoria de Raquel Pacheco, personagem central da história, relacionando-as com a obra cinematográfica “Bruna Surfistinha”. Deste modo foi possível perceber que a criação dos estereótipos se dá a partir de conceitos pré-estabelecidos que, muitas vezes, possuem cunho comercial e não necessariamente representam a realidade.

PALAVRAS-CHAVE: cinema; prostituição; estereótipos; mídias.

1.INTRODUÇÃO

Partindo do ponto que o filme “Bruna Surfistinha” teve uma das maiores bilheteiras na do cinema nacional na última década, questiona-se de que maneira a obra retrata seu tema principal, que faz parte da realidade da sociedade brasileira: a prostituição, tema bastante polêmico, facilmente atrelado a diversas características e estereótipos. Em vista disto, frequentemente o assunto é tema de produções cinematográficas ou televisivas no Brasil, porém nestas produções a figura da garota de programa é geralmente representada com características bastante comuns.

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 26 a 28 de maio de 2016.

² Estudante de Graduação 5º semestre de Comunicação Social – Relações Públicas da UNISC, e-mail: gustavo.pranke@hotmail.com.

³ Orientadora do Trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social – Relações Públicas da UNISC, e-mail: grazibrandt@hotmail.com

Entender como essa caracterização é feita é o principal objetivo desta pesquisa, que terá como análise o filme *Bruna Surfistinha*, lançado em 2011 no Brasil. O longa baseado no livro *O doce veneno do escorpião* conta a história de Raquel Pacheco, uma garota de programa que ficou conhecida por relatar suas experiências em um blog na internet.

. A história em si, tanto nos livros, quanto no filme, desperta a curiosidade e o anseio em descobrir e buscar maiores informações sobre o tema. O conteúdo do filme e das obras literárias de Raquel Pacheco que deram origem ao filme serão analisados, bem como referenciais teóricos e informações complementares, a fim de buscar aprofundamentos sobre a temática em questão.

OBJETIVOS

Gerais

- Compreender de que forma é feita a caracterização das profissionais do sexo no cinema nacional, a partir de análise do filme *Bruna Surfistinha*.

Específicos:

- Relacionar os acontecimentos da obra cinematográfica à referenciais teóricos, com base em estudos do contexto histórico da prostituição, da sexualidade, das relações humanas e do sexo como forma de mercadoria;
- Entender como é feita a retratação das personagens do longa a partir de suas descrições na obra literária original, o “Doce Veneno do Escorpião”;
- Identificar as razões pelas quais as drogas, as festas, a ostentação financeira e a depressão fazem parte do cenário do filme e frequentemente são atreladas a prostituição.

2.JUSTIFICATIVA

O cinema nacional frequentemente aborda temas polêmicos, que são escolhidos justamente por seu grande índice de repercussão nas mídias e na sociedade como um todo. Com a prostituição isso não é diferente e, frequentemente o assunto é temática de alguma produção ou é inserido em algum contexto.

Em 2011 o Brasil parou para conhecer Bruna Surfistinha. Bruna na verdade é Raquel, jovem que saiu cedo de casa para tentar a vida como garota de programa. Em toda a extensão do território nacional, existem muitas Raqueis, muitas garotas que deixam tudo para trás e partem para essa difícil vida fácil. Por se tratar de um acontecimento que é presente na sociedade, o retrato das garotas de programa no cinema é um assunto delicado e que pode gerar falsas percepções do tema, sejam elas negativas ou positivas.

Nas mídias, a estereotipação da figura de uma garota de programa é frequente. Suas imagens são atreladas a diversos fatores que não necessariamente correspondem à realidade. Este trabalho prevê que se faça um entendimento desse estereótipo, a fim de entender como e com que base essa retratação é feita no cinema, mais precisamente, no filme Bruna Surfistinha.

3.A SEXUALIDADE E O TABU

Segundo Foucault (1984) em *História da sexualidade – O uso dos prazeres*, o sexo por muito tempo foi ligado à busca da verdade, principalmente por parte das teorias e crenças do cristianismo. O ato sexual em si fora associado à maldade, ao pecado e a uma série de outros adjetivos de ordem negativa, sendo que sua única finalidade seria a procriação.

No presente, por mais que se saiba que a sociedade passou por grandes evoluções comportamentais, sociais e morais com o passar dos anos, ainda é perceptível que assuntos relacionados à sexualidade são fortemente colocados como tabus. Por mais que a sociedade tenha grandes conotações sexuais na grande maioria dos âmbitos, falar de sexo ainda é visto com maus olhos por um número grandioso de pessoas.

Discussões sobre gênero, poligamia, feminismo e condição sexual são frequentemente colocadas em pauta nas mais diversas situações, porém, estas aparentam ser pouco conclusivas, em razão da pluralidade de opiniões, interesses e fatores externos em cada uma das situações. Deste modo, falar sobre sexo torna-se uma tarefa árdua, que exige um posicionamento bastante qualificado para que se possa chegar a uma conclusão.

O sexo e suas conseqüências são interpretados de maneiras diferentes, que variam de acordo com as crenças e com a condição de quem o interpreta. Para muitos, o sexo como instrumento de prazer ainda pode ser visto como algo vazio ou errado, para outros, como algo normal. Existem também as assimilações do sexo com o amor, mais uma variável da condição em que as relações sexuais podem ser colocadas perante aos indivíduos.

Quando o sexo se apresenta como um evento fisiológico do corpo e a palavra “sensualidade” pouco evoca senão uma prazerosa sensação física, ele não está liberado de fardos supérfluos, avulsos, inúteis, incômodos e restritivos. Está, ao contrário, sobrecarregado, inundado de expectativas que superam sua capacidade de realização (BAUMAN, 2004,p.64)

No meio de tantas discussões sobre o assunto, a figura das profissionais do sexo fica em evidência e estas frequentemente sofrem julgamentos por sua condição. A prostituição geralmente é lembrada como a “profissão mais antiga do mundo” e isso talvez contribua para a formação de tantas opiniões e estereótipos.

4.A PROSTITUIÇÃO NO BRASIL E O FENÔMENO BRUNA SURFISTINHA

Nos anos 80, no Brasil e em outros países, as garotas de programa começaram a se organizar em prol da regularização de sua profissão. No entanto, as prostitutas estão apenas inseridas no Código Brasileiro de Ocupações e discutiu-se em 2003 um projeto de lei que visava sua regularização, mas este acabou sendo arquivado.

Apesar de não ser regularizado, o ato de vender o próprio corpo não é crime no Brasil, porém, outros fatores relacionados a este contexto são, tais como: Tráfico de pessoas, manutenção de casas voltadas a prostituição e até mesmo o favorecimento a esta atividade, que nada mais é do que atrair ou aliciar alguém para a prostituição.

No ano de 2013, o deputado federal Jean Wyllys (PSOL-RJ) entrou com um projeto de lei com o mesmo objetivo do discutido em 2003: regularizar a profissão das garotas de programa. No projeto apresentado por Jean, o texto descriminaliza as casas de prostituição e autoriza até mesmo a cobrança de valores devidos na Justiça, nos casos em que os clientes não pagam o preço combinado. (MADER, 2013). Até a presente data, o projeto ainda não havia tido quaisquer conclusões, foi arquivado e desarquivado em sequência para novas discussões.

Ainda no início da proliferação dos blogs e das redes sociais digitais, em 2003 surge à figura de “Bruna Surfistinha”, fenômeno capaz de cair na boca do povo e nos olhos dos internautas da época. Uma jovem garota de programa que usava um blog para relatar suas experiências com seus clientes e, de quebra, atribuir notas para o desempenho sexual de cada um deles.

Bruna, na verdade era o pseudônimo de Raquel. Com 17 anos, Raquel era uma típica jovem paulistana, estudava em um dos melhores colégios da cidade e enfrentava sérios problemas de relacionamento com sua família. Um dia, roubou as joias que seu pai havia dado para a mãe, a empregada foi acusada, mas a verdade veio à tona. Raquel foi espancada pelo pai, que tentou inclusive coloca-la na FEBEM, viu-se em uma verdadeira tragédia familiar e decidiu deixar a casa de sua família.

Raquel seguiu os rumos da prostituição, onde tornou-se Bruna. Passou por diversos prostíbulos, criou um blog para relatar suas experiências, ganhou reconhecimento, fez filmes pornográficos, passou a trabalhar por conta própria, conheceu diversos submundos, envolveu-se com drogas, apaixonou-se por um cliente (e posteriormente casou com ele), saiu da prostituição, lançou três livros, participou de reality show e teve sua vida retratada em um dos filmes com a maior bilheteria do cinema nacional.

Bruna carrega o nome mais marcante do cenário brasileiro quando o assunto é prostituição. O filme, que leva seu pseudônimo no título, foi lançado em 2011 e teve seu roteiro baseado em sua primeira obra literária, intitulada *O Doce Veneno do Escorpião*. Além de *O Doce Veneno do Escorpião* (que vendeu mais de 80 mil cópias) ela também lançou dois outros livros: “O que aprendi com Bruna Surfistinha” e “Na cama com Bruna Surfistinha”, sendo este último, voltado exclusivamente para dicas relacionadas ao sexo.

Muita gente, mesmo sem ter lido *O doce veneno do escorpião* partiu para o ataque, dizendo que eu estava fazendo apologia da prostituição e das drogas, incentivando, assim, meninas “desmioladas” a seguirem meu exemplo” (PACHECO, 2006 p.9)

Raquel sempre deixou claro que escolheu essa vida, tinha suas metas e conseguiu alcançá-las graças à prostituição, onde permaneceu por cerca de três anos. Nestes três anos, Raquel estima que tenha tido mais de mil clientes, sendo que grande parte deles à procurou por ter conhecimento de sua condição de prostituta e blogueira.

Em seu primeiro livro, Raquel além de relatar suas experiências na prostituição, também explana todo o contexto deste cenário, trazendo relatos seus e da convivência com suas colegas de profissão. A rotina de uma garota de programa relatada no livro é caracterizada de forma com que esta seja assimilada e tratada como uma rotina de qualquer outra profissão, fazendo com que a condição de garota de programa passe a ser melhor compreendida, expondo que uma profissional do sexo também possui sentimentos, angústias e almejos.

Todo mundo sempre se dá algo para compensar um dia ruim, uma semana difícil. Com garotas que vivem do sexo, não é diferente. "Eu mereço!", pensei. Com o

primeiro dinheiro de putaria que consegui ganhar e juntar, me dei um celular de presente. (PACHECO, 2006, p.7)

5.METODOLOGIA

Para a elaboração da presente pesquisa, foi utilizado o método de pesquisa bibliográfica, que consiste em identificar, verificar e apreciar documentos e informações registradas com um objetivo específico. Para entender melhor de que forma é feita a estereotipação das garotas de programa no cinema nacional, a partir de Bruna Surfistinha, foi necessário primeiramente analisar as obras e conteúdos referentes à história de Raquel Pacheco.

Foram analisados o filme *Bruna Surfistinha*, dirigido por Marcus Baldini e os livros *O Doce Veneno do Escorpião* e *O que aprendi com Bruna Surfistinha*, ambos de autoria de Raquel Pacheco. Além disso, sites, portais de notícias e outras obras literárias também tiveram seu conteúdo avaliado.

O principal objetivo do trabalho é a constatação do real cenário vivido pelas garotas de programa no Brasil, deixando de lado estereótipos que possam ser criados exclusivamente para fins de audiência ou comerciais. Para isso, o método de análise documental se torna eficaz, principalmente pela grande quantidade de material disponível quanto ao tema disponível.

A biografia de Raquel Pacheco, a *Bruna Surfistinha*, é de grande valia por tratar-se de uma obra de fácil compreensão, que retrata de maneira sincera e transparente, os relatos da garota de programa mais conhecida do país. Apesar da história do livro ser centralizada na vida de Raquel, ele faz uma análise geral do contexto e, de qualquer forma, Raquel serve sim como uma representação bastante expressiva da realidade das garotas de programa no país.

Para descobrir e contextualizar os porquês de diversos julgamentos e opiniões da sociedade quanto ao tema, foram pesquisados referenciais teóricos que pudessem complementar a metodologia escolhida, trazendo assim conteúdo e informações complementares que podem auxiliar no melhor entendimento da análise atrelada a realidade social em que está inserida. O foco da análise se deu nos livros de Raquel e no filme *Bruna Surfistinha*, porém, para que esta contextualização seja compreensível, um referencial teórico eficaz é necessário.

6.DISSCUSSÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Ao analisar o conteúdo das obras literárias e da obra cinematográfica, é compreensível que a figura de Raquel Pacheco é sim de grande representatividade em relação à prostituição. Raquel carrega o estereótipo de muitas das garotas de programa e relata com facilidade essas experiências em suas obras.

Caracterizar uma garota de programa em uma obra do cinema nacional é uma ação delicada, da mesma forma que qualquer representação sobre um assunto frequentemente abordado com polêmica seria. O diretor do longa, Marcus Baldini, disse em uma entrevista⁴ que o objetivo do longa não era seguir a linha bibliográfica, e sim, tinha a proposta de ter um toque ficcional e imaginário para a produção, tendo seu conteúdo seria inspirado na história de Raquel.

O fato da obra cinematográfica não ser totalmente baseada nas obras literárias, faz com que diversos aspectos sejam compreensíveis, tais como a representação das garotas de programa que é feita de uma forma diferente. No livro, Raquel cita que o mundo da prostituição que ela conheceu está longe de qualquer glamour, já no filme, é possível ver cenas onde Bruna e suas colegas de prostíbulo vão juntas a uma prestigiada casa noturna.

A rotina das garotas de programa tem um lado bem pouco glamouroso. Eu dividia meu quarto ajeitado, mas simples, com as camas, armário grande, espelhos e uns quadros impessoais na parede, parecidos com os de hotel, com outras quatro garotas. Nada que lembre o que se vê no cinema, por exemplo, com penteadeira de puta cheia de badulaques. (PACHECO, 2005, p.13)

Abordar de maneira estereotipada todos os elementos da sociedade é um padrão seguido frequentemente pelas mídias voltadas as grandes massas, isso é, normalmente todos os perfis sociais são marcados e definidos de uma forma característica. Não só as garotas de programa tem seu perfil retratado com base em uma construção, existem outros tantos que passam pelo mesmo tipo de situação.

Personagens homossexuais são colocados como figuras caricatas, engraçadas e estilosas em novelas e filmes brasileiros. Empregadas domésticas geralmente são

⁴ Marcus Baldini fala de "Bruna Surfistinha", entrevista em vídeo. Disponível a partir de: <https://www.youtube.com/watch?v=tCWHrIr26qY> acesso em 5 de novembro de 2015.

engraçadas, risonhas ou cheias de bordões. Os jovens no geral são bonitos, malhados e donos de uma beleza muito longe da esperada para um país como o Brasil e por aí vai.

Em entrevista gravada para o canal “Revista do Cinema Brasileiro”, o diretor Marcus Baldini afirma que para a construção da personagem principal do longa, a atriz Deborah Secco foi instruída a construir uma personagem com base na história do filme, e que, só posteriormente seriam buscadas referências em Raquel. Desta forma, buscou-se fazer com que o filme criasse sua identidade independente.

Desta forma, é possível concluir que a formação da imagem das garotas de programa no cinema nacional ocorre a partir de diversos motivos, mas, sendo a grande maioria criada e estabelecida de acordo com a proposta do filme em questão. Como o próprio filme inspirado na vida de Bruna Surfistinha teve pouca alusão às características da personagem original, é notório que os critérios utilizados para estas representações não necessariamente são verídicos, e sim, são criações ficcionais voltadas para o público de interesse, que podem variar de acordo com a produção, contexto e cenário em que se está inserido.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entender de que forma são feitas as construções dos personagens em produções midiáticas é algo bastante significativo, visto que são frequentes diversas representações de uma série de figuras comuns do cotidiano. No caso de uma prostituta, que é o objeto central de estudo deste trabalho, é possível perceber que sua imagem foi montada de acordo com a proposta da produção, ou seja, independente da realidade.

O fato de que as representações mostram-se não totalmente fiéis a realidade mostra que nas produções também são levados em conta questões de cunho comercial. Um exemplo disso é a atriz Deborah Secco no papel de Raquel Pacheco, Deborah apesar de não conter semelhanças físicas com Raquel, é uma atriz de grande apelo popular e que sendo assim, traria um rápido retorno midiático e comercial.

As representações repletas de estereótipos e formações de imagens não se restringem as prostitutas. Representações de outros perfis da sociedade também são frequentes e seguem provavelmente uma lógica bastante semelhante a que ocorreu na produção do filme Bruna Surfistinha. Trabalhar com estereótipos é uma questão delicada,

onde existe uma linha tênue entre o que é representativo e o que pode ser visto como artificial.

REFERÊNCIAS

BAUMANN, Zigmunt. **Amor Líquido, Sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2004.

DORIA, Pedro R. **Eu gosto de uma coisa errada: Bruna Surfistinha, suingueiros, voyeurs e outros personagens da revolução sexual provocada pela internet**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

FOCAULT, Michel. **História da Sexualidade: o uso dos prazeres**. 10 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2003.

PACHECO, Raquel. **O doce veneno do escorpião**. 1 ed. São Paulo: Panda Books ed, 2005.

PACHECO, Raquel. **O que aprendi com Bruna Surfistinha**. 1 ed. São Paulo: Panda Books ed, 2006.

AFONSO, Mariana L. SCOPINHO, Rosemeire. **Prostituição: uma história de invisibilidade, criminalização e exclusão**. Anais Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 - Desafios Atuais dos Feminismos, 10, 2013. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/resources/anais/20/1386705646_ARQUIVO_MarianaLucianoAfonso.pdf>

Marcus Baldini fala de "Bruna Surfistinha", entrevista em vídeo. Disponível a partir de: <<https://www.youtube.com/watch?v=tCWHrIr26qY>> acesso em 5 de novembro de 2015.

Página da *Revista Época*. Disponível a partir de <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDR72991-6014,00.html>> acesso em 6 de novembro de 2015.

Página do *Bahia Notícias*. Disponível a partir de <<http://www.bahianoticias.com.br/noticia/170149-eduardo-cunha-desarquiva-projeto-de-lei-de-jean-wylllys-que-regulamenta-prostituicao.html>> acesso em 5 de novembro de 2015.

Página oficial do *Deputado Federal Jean Wyllys*. Disponível a partir de

<<http://jeanwyllys.com.br/wp/lei-da-prostituicao-divide-camara>> acesso em 5 de novembro de 2015.

Página do *Grupo Gay da Bahia*. Disponível a partir de <http://www.ggb.org.br/prostituicao_codigo_penal.html> acesso em 5 de novembro de 2015.

Página da coluna *Ultimo Segundo*, do portal IG. Disponível a partir de <<http://ultimosegundo.ig.com.br/cultura/cinema/diretor+de+bruna+surfistinha+nao+queria+deborah+secco+no+filme/n1238097500410.html>> acesso em 7 de novembro de 2015.